

POR QUE NÃO
PODEMOS ESPERAR

**MARTIN
LUTHER
KING**

**POR QUE NÃO
PODEMOS ESPERAR**

POR QUE NÃO
PODEMOS ESPERAR
**MARTIN
LUTHER
KING**

Tradução
SARAH PEREIRA



PARA MINHAS CRIANÇAS

Yolanda, Martin III, Dexter, Bernice
para quem sonho que um dia, muito em breve,
não serão mais julgados pela cor de suas peles,
mas pelo conteúdo de seu caráter.

Reconheço com afeição e gratidão
a ajuda de Hermine I. Popper,
cujas percepção e inteligência a capacitaram
a fazer um trabalho editorial construtivo e importante.

Também sou grato a Alfred Duckett pelos seus esforços
e sugestões nos estágios iniciais do meu manuscrito.

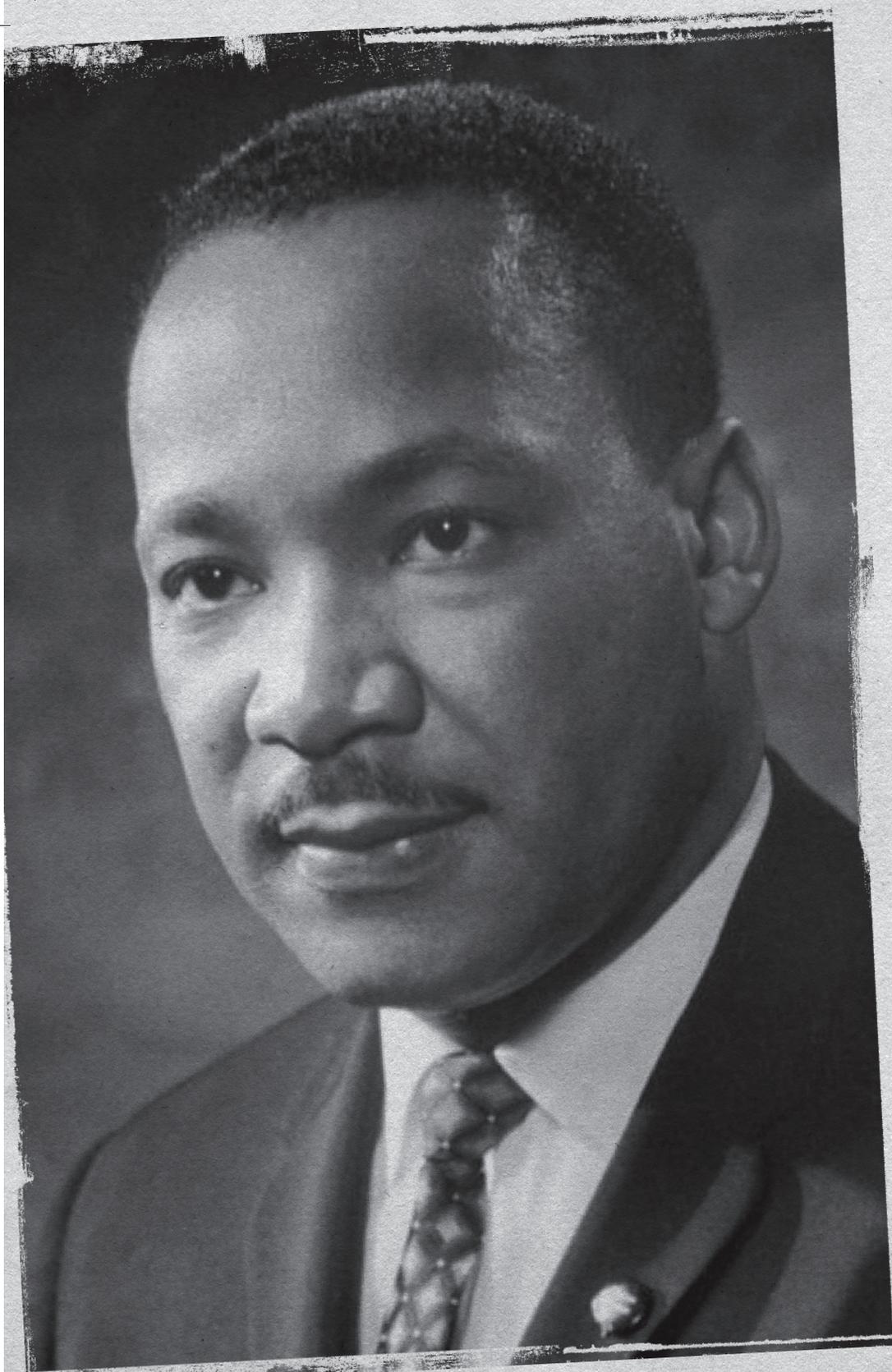
The strong man is the man
who can stand up for his rights
and not hit back.

With Best Wishes

Martin L. King Jr.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, por Dorothy Cotton	13
1964 – INTRODUÇÃO, por Martin Luther King Jr.	17
I A Revolução Negra – Por que 1963?	23
II A espada que cura	35
III A Birmingham de Bull Connor	56
IV Um novo dia em Birmingham	70
V Cartas de uma cadeia em Birmingham	87
VI Brancos e negros unidos	108
VII O verão do nosso descontentamento	124
VIII Os dias por vir	139
NOTAS EXPLICATIVAS	167



A Revolução Negra

Por que 1963?

O congelante e amargo inverno de 1962 arrastou-se pelos primeiros meses de 1963, tocando a terra com frio e geada, e então foi substituído por uma primavera serena. Os americanos esperavam um verão tranquilo. Não tinham dúvidas de que seria agradável. O pior disso seria o pesadelo criado por sessenta milhões de carros, todos aparentemente tentando chegar ao mesmo destino, ao mesmo tempo na tradição americana de caça frenética pelo relaxamento.

Seria um verão agradável, porque, na mente de um homem comum, havia pouco para se preocupar. A perspectiva alegre sobre o estado da nação estava refletida no posto mais alto da Casa Branca. Confiante, a administração preparou a conta de redução dos impostos. Negócios e empregos estavam em níveis confortáveis. Dinheiro — para a maioria dos americanos — era abundante.

O verão veio e o clima estava ótimo. No entanto, o clima social do modo de vida americano irrompeu em relâmpagos, tremeu com o trovão e vibrou com a chuva implacável de protestos que surgiram pela região. Explosivamente, a terceira revolução americana — a Revolução Negra — havia começado.

Pela primeira vez na longa e turbulenta história da nação, quase mil cidades foram engolidas pela turbulência civil, com a violência tremendo logo abaixo da superfície. As ruas haviam se tornado um campo de

batalha, assim como na Revolução Francesa de 1789 e no tumultuado Movimento Cartista liderado pelos operários da Inglaterra dos anos de 1830. Como nessas duas revoluções, um grupo social submerso, impulsionado por uma necessidade ardente de justiça, ergueu a si mesmo com súbita rapidez, movendo-se com determinação e com majestoso escárnio pelo perigo e pelo risco, criou uma revolta tão poderosa que sacudiu uma grande parte da sociedade da sua fundação confortável.

Nunca na história da América um grupo tinha se apoderado das ruas, das praças, das vias de negócios sacrossantos e das salas de mármore do governo para protestar e proclamar a intolerância da sua opressão. Se as máquinas gigantesas tivessem se tornado humanas, explodido as fábricas que as abrigavam e perseguido a terra em revolta, não teriam surpreendido mais a nação. Inegavelmente, havia uma compreensão sobre a condição do negro e suas profundas cicatrizes, mas o país passara a contar com ele como uma criatura que poderia aguentar silenciosamente e esperar pacientemente. Ele era bem treinado em serviço e, qualquer que fosse a provocação, não retrucava ou se vingava.

Assim como o raio não produz som até que atinja o solo, a Revolução Negra foi gerada silenciosamente. Mas, quando aconteceu, o flash revelador de seu poder, o impacto de sua sinceridade e do seu fervor exibiu uma força de intensidade assustadora. Com trezentos anos de humilhação, abuso e privação não se podia esperar que o negro encontrasse a voz em um sussurro. As nuvens de tempestade não liberavam “uma chuva suave do céu”, mas um furacão que ainda não perdeu sua força ou atingiu sua energia total.

É importante entender a história que está sendo feita hoje, porque ainda há mais por vir, porque a sociedade americana está perplexa com o espetáculo do negro em revolta, porque as dimensões são vastas e as implicações profundas.

A espada que cura

No verão de 1963, uma necessidade, um tempo, uma circunstância e a disposição de um povo se uniram. Para compreender a Revolução atual é necessário examinar com mais detalhes as condições psicológicas e sociais que a produziram e os eventos que trouxeram a filosofia e o método de ação direta não violenta para a linha de frente da luta.

Em primeiro lugar, é importante entender que a Revolução não é indicativa de uma súbita perda de paciência dentro do negro. Ele nunca havia sido realmente paciente, no sentido puro da palavra. A postura de espera silenciosa lhe foi imposta psicologicamente porque estava fisicamente algemado.

Nos dias da escravidão, essa supressão era aplicada aberta, científica e constantemente. A força física mantinha o negro cativo em todos os pontos. Ele foi impedido de aprender a ler e escrever — impedido por leis escritas de verdade nos estatutos. Foi proibido de se associar com outros negros que viviam na mesma plantação, exceto quando ocorriam casamentos ou funerais. A punição para qualquer forma de resistência ou reclamação sobre sua condição poderia variar de mutilação até morte. Famílias foram dilaceradas e amigos foram separados. Qualquer cooperação para melhorar suas condições foi cuidadosamente frustrada. Pais e mães foram vendidos para longe dos filhos, e os filhos foram negociados para longe dos pais. As moças eram, em muitos casos, vendidas para se

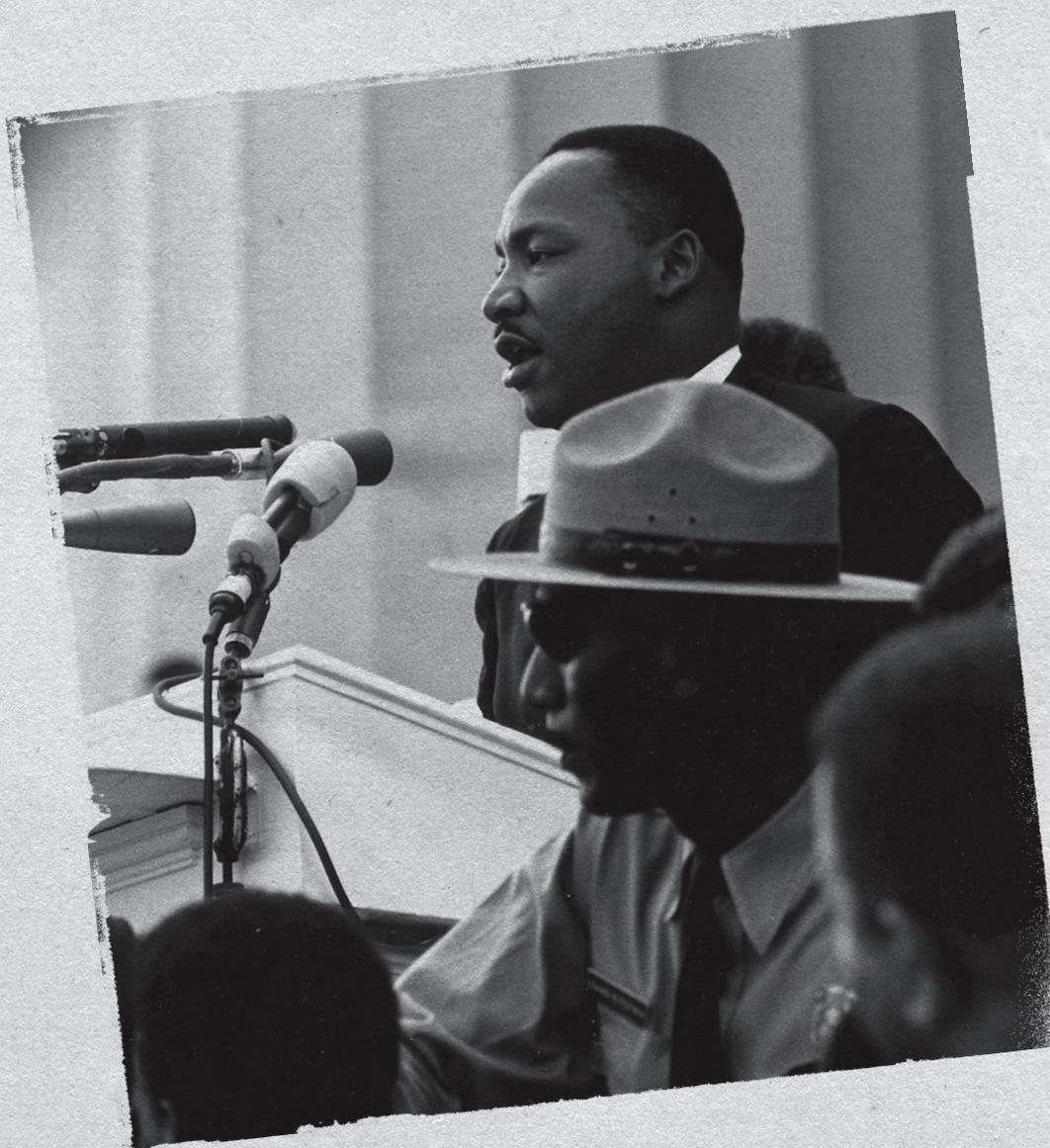
tornarem reprodutoras de novas gerações de escravos. Os proprietários de escravos da América tinham inventado seus sistemas com precisão quase científica para manter o negro emocional e fisicamente indefeso.

Com o fim da escravidão física após a Guerra Civil, foram encontrados novos dispositivos para “manter o negro em seu lugar”. Seria necessário escrever muitos volumes para descrever esses métodos, estendendo-se desde nascimentos em hospitais Jim Crow¹⁸ até enterros em seções dos cemitérios Jim Crow. Eles são muito conhecidos para requerer uma descrição aqui. No entanto, uma das revelações durante os últimos anos é o fato de que as camisas de força do preconceito e da discriminação racial não usam somente rótulos do Sul. A técnica sutil e psicológica do Norte havia se aproximado em feiura e vitimização do negro, em terror absoluto e em brutalidade aberta como no Sul. O resultado foi um comportamento que aos olhos do homem branco parecia paciência, mas que cobria uma poderosa impaciência no coração do negro.

Durante anos, no Sul, o branco segregacionista vinha dizendo que o negro estava “satisfeito”. Ele tinha afirmado: “nos damos muito bem com nossos negros porque os entendemos. Somente temos problemas com os que vêm de fora para agitar aqui dentro”. Muitos expressaram esse ponto de vista sabendo que era uma mentira de proporções majestosas. Outros acreditavam que estavam falando a verdade. Para corroborar, lhes diriam: “Ora, falei com a minha cozinheira que disse...” ou: “Discuti isso de forma franca com o garoto de cor que trabalha para nós e disse a ele para se expressar livremente. Ele disse...”.

As pessoas brancas no Sul talvez nunca saibam completamente até que ponto os negros defenderam a si mesmo e protegeram seus empregos — e, em muitos casos, suas vidas — aperfeiçoando um ar de ignorância e concordância. No passado, nenhuma cozinheira ousaria dizer ao patrão o que ele deveria saber. Ela tinha que lhe dizer o que ele queria ouvir, porque sabia que a penalidade por falar a verdade poderia ser a perda do seu emprego.

Durante o boicote aos ônibus de Montgomery, uma família branca convocou sua cozinheira negra e lhe perguntou se apoiava as coisas terríveis que os negros estavam fazendo, boicotando ônibus e exigindo empregos.



↑ Martin Luther King durante seu famoso discurso *I have a dream* - Eu tenho um sonho.

<- Martin Luther King agraciado com o "Prêmio Nobel da Paz" mostra sua medalha recebida em 1964.

A Birmingham de Bull Connor

Se você tivesse visitado Birmingham antes de 3 de abril no ano do centenário da emancipação do negro, poderia ter chegado a uma conclusão surpreendente. Poderia ter concluído que aqui havia uma cidade que ficou presa por décadas em uma soneca de Rip Van Winkle;³⁰ uma cidade cujos pais aparentemente nunca tinham ouvido falar de Abraham Lincoln, Thomas Jefferson, a Declaração dos Direitos, o Preâmbulo da Constituição da Décima Terceira, Décima Quarta e Décima Quinta Emendas, ou a decisão de 1954 da Suprema Corte dos Estados Unidos proibindo a segregação nas escolas públicas.

Se os seus poderes de imaginação fossem grandes o suficiente para lhe permitir colocar a si mesmo em posição de um bebê negro nascido e levado à maturidade física em Birmingham, você teria imaginado sua vida da seguinte maneira:

Você nasceria em um hospital para pais que provavelmente viviam em um gueto e frequentaria uma escola Jim Crow. Não é realmente verdade que os pais da cidade nunca tinham ouvido falar da ordem da Suprema Corte para a dessegregação escolar. Eles tinham ouvido falar disso e, desde a sua aprovação, expressaram consistentemente a sua oposição, resumido pelo anúncio oficial de que o sangue correria nas ruas antes que a dessegregação fosse permitida em Birmingham.

Você passaria sua infância brincando principalmente nas ruas porque os parques para “os de cor” eram terrivelmente inadequados. Quando

uma ordem judicial federal proibisse a segregação no parque, descobriria que Birmingham fechou seus parques e desistiu de seu time de beisebol em vez de integrá-los.

Se fosse fazer compras com seus pais, você se arrastaria enquanto comprava em cada balcão, com exceção de um, nas lojas grandes ou pequenas. Se você estivesse com fome ou com sede, teria que ignorar até voltar para a parte negra da cidade, pois em sua cidade era uma violação da lei servir comida para os negros no mesmo balcão que os brancos.

Se a sua família frequentasse a igreja, você iria a uma Igreja Negra. Se quisesse visitar uma igreja frequentada por pessoas brancas, você não seria bem-vindo. Pois, embora seus concidadãos brancos insistissem que eram cristãos, eles praticavam a segregação tão rigidamente na casa de Deus quanto no teatro.

Se amasse música e ansiasse por ouvir a Ópera Metropolitana³¹ em sua turnê pelo Sul, você não poderia desfrutar desse privilégio. E nem os seus companheiros brancos amantes da música, porque a Metropolitana tinha agenda descontínua em suas turnês nacionais em Birmingham depois de ter adotado uma política de não se apresentar antes de segregar as audiências.

Se quisesse contribuir e fazer parte do trabalho da Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor, não seria possível ingressar em uma agência local. No estado do Alabama, as autoridades segregacionistas foram bem-sucedidas em impedir a NAACP de realizar seu trabalho de direitos civis, declarando-a como uma “corporação estrangeira” e tornando suas atividades ilegais.

Se quisesse um emprego nesta cidade — um dos maiores centros de produção de ferro e aço do país —, seria melhor se conformar com o trabalho servil como porteiro ou operário assalariado. Se tivesse a sorte de conseguir um emprego, poderia esperar que as promoções para um *status* melhor e com maior remuneração viriam — não para você, mas para um funcionário branco, independentemente de seus talentos comparados. Em seu trabalho, você comeria em um lugar separado e usaria o bebedouro e lavatório rotulado como “De cor”, em conformidade com as leis municipais.

Se acreditasse em seus livros de história e pensasse na América como um país cujos governantes, sejam das cidades, estados ou nação, eram escolhidos pelos governados, seria rapidamente desiludido quando tentasse exercer seu direito de registrar e votar. Você seria confrontado com todos os obstáculos concebíveis ao fazer a caminhada mais importante que um negro americano pode fazer hoje: a caminhada até as urnas. Dos 80 mil eleitores em Birmingham, antes de janeiro de 1963, apenas 10 mil eram negros. Sua raça, constituindo dois quintos da população da cidade, seria apenas um oitavo de sua força de votação.

Você estaria vivendo em uma cidade onde a brutalidade dirigida contra os negros era uma realidade inquestionável e incontestada. Um dos comissários da cidade, membro do órgão que governava os assuntos municipais seria Eugene “Bull” Connor, um racista que se orgulhava de saber como lidar com o negro mantendo-o em seu “lugar”. Como comissário de Segurança Pública, Bull Connor, entrincheirado por muitos anos em uma posição chave na estrutura de poder de Birmingham, mostrava tanto desprezo pelos direitos do negro quanto desafiava a autoridade do governo federal.

Você teria encontrado em Birmingham uma atmosfera geral de violência e brutalidade. Os racistas locais intimidavam, atacavam e até matavam os negros com impunidade. Um dos exemplos do terror de Birmingham mais vívidos e recentes foi a castração de um homem negro, cujo corpo mutilado havia sido abandonado em uma estrada solitária. Nenhuma casa de negro estava protegida dos bombardeios e queimaduras. Do ano de 1957 até janeiro de 1963, enquanto Birmingham ainda alegava que seus negros estavam “satisfeitos”, dezesseite bombardeios não investigados haviam ocorrido em igrejas negras e casas de líderes dos direitos civis.

Os negros não foram as únicas pessoas que sofreram por causa do governo de Bull Connor. Foi o comissário de segurança de Birmingham que, em 1961, prendeu o gerente da rodoviária local quando este procurou obedecer a lei da nação servindo aos negros. Embora um juiz distrital federal tenha condenado Connor por essa ação em fortes termos e liberado a vítima, o fato persistiu em Birmingham: no início de 1963,

nenhum lugar de acomodação pública foi integrado, exceto a rodoviária, a estação de trem e o aeroporto.

Na Birmingham de Bull Connor, você seria um habitante de uma cidade onde um senador dos Estados Unidos, que a estava visitando para fazer um discurso, havia sido preso porque atravessou a porta marcada como “De cor”.

Na Birmingham de Connor, a senha silenciosa era o medo. Era um medo não só por parte do negro oprimido, mas também nos corações dos opressores brancos. A culpa era parte do medo deles. Havia também o pavor da mudança, aquele medo predominante que persegue aqueles cujas atitudes foram endurecidas pelo longo inverno da reação. Muitos estavam apreensivos com o ostracismo social. Birmingham certamente teve seus brancos moderados que desaprovavam as táticas de Bull Connor. Birmingham certamente tinha cidadãos brancos decentes que lamentavam reservadamente os maus-tratos aos negros. Mas eles permaneceram publicamente em silêncio. Era um silêncio nascido do medo — medo de represálias sociais, políticas e econômicas. A tragédia final de Birmingham não foi a brutalidade das pessoas más, mas o silêncio das pessoas do bem.

Em Birmingham, você estaria vivendo em uma comunidade onde a longa vida da tirania do homem branco havia intimidado o seu povo, levando-o a abandonar a esperança e desenvolvido nele uma falsa sensação de inferioridade. Estaria vivendo em uma cidade onde os representantes da economia e o poder político se recusavam a sequer discutir a justiça social com os líderes do povo.

Você estaria morando na maior cidade de um estado policial, presidida por um governador, George Wallace, cuja promessa de posse havia sido de “segregação agora, segregação amanhã, segregação para sempre!”. Você estaria vivendo, na verdade, na cidade mais segregada da América.

Um novo dia em Birmingham

Na quarta-feira, 3 de abril de 1963, o jornal de Birmingham apareceu nas bancas. Sua primeira página brilhando trazia um desenho colorido mostrando um sol dourado erguendo-se sobre a cidade. A legenda dizia: “Um novo dia amanheceu em Birmingham”, comemorando a vitória de Albert Boutwell nas eleições para prefeito. O brilho dourado da harmonia racial, a manchete sugeria, poderia agora ser esperado para descer sobre a cidade. Como os eventos iriam mostrar, era de fato um novo dia para Birmingham; mas não porque Boutwell havia vencido a eleição.

Apesar de todo o otimismo expresso na imprensa e em outros lugares, estávamos convencidos de que Albert Boutwell era, na frase apropriada de Fred Shuttlesworth, “apenas um Bull Connor digno”. Sabíamos que o ex-senador do estado e vice-governador havia sido o principal autor da Lei de Atribuição de Alunos do Alabama e era um defensor consistente das visões segregacionistas. Alguns dias após a eleição, sua declaração de que “nós, cidadãos de Birmingham, nos respeitamos e nos entendemos” mostrou que ele não entendia nada sobre os dois quintos dos cidadãos de Birmingham para quem, mesmo a segregação polida, não era respeito.

Enquanto isso, apesar dos resultados do segundo turno, os comissários da cidade, incluindo Bull Connor, assumiram a postura de que

não poderiam ser destituídos legalmente do cargo até 1965. Eles foram aos tribunais para defender sua posição e recusaram-se a sair dos seus escritórios da Prefeitura. Se vencessem no tribunal (e o conflito nas leis de Birmingham tornaram isso teoricamente possível), eles permaneceriam no cargo por mais dois anos. Se perdessem, seus mandatos ainda não expirariam até o dia 15 de abril, o dia depois da Páscoa. Em ambos os casos, estávamos comprometidos a entrar na situação em uma cidade que literalmente estava operando sob dois governos.

Decidimos limitar os esforços para as manifestações nos primeiros dias. Estando preparados para uma longa luta, sentimos que seria melhor começar modestamente, com um número limitado de prisões em cada dia. Ao racionar nossas energias dessa maneira, ajudaríamos no desenvolvimento e no drama de uma campanha crescente. As primeiras manifestações não foram espetaculares, mas foram bem organizadas. Operando em um cronograma preciso, pequenos grupos mantiveram uma série de manifestações nos balcões de almoço das lojas de departamento e das drogarias do centro da cidade. Quando pediam que os manifestantes saíssem, e estes se recusavam, eles eram presos sob o decreto local de “transgressão após advertência”. Na noite de sexta-feira, não houve distúrbios dignos de nota. Evidentemente, nem Bull Connor nem os comerciantes esperavam que esse começo tranquilo se transformasse em uma operação de grande escala.

Após o primeiro dia, realizamos uma reunião em massa, a primeira das 65 reuniões noturnas realizadas em várias igrejas da comunidade negra. Por meio dessas reuniões, conseguimos gerar o poder e a intensidade que finalmente eletrizaram toda a comunidade negra. As reuniões de massa tinham um padrão definido, moldado por um dos melhores ativistas do movimento pelos direitos civis. Ralph Abernathy, com sua combinação única de humor e dedicação, tinha a habilidade de elevar o público às alturas do entusiasmo e mantê-lo ali. Quando ele se colocava atrás do púlpito, atarracado e poderoso, com seu rosto redondo caindo facilmente em gargalhadas, seus ouvintes o amavam e acreditavam nele.

Wyatt Walker, jovem, magro e de óculos, trouxe para nossas reuniões, cujos membros já conheciam e admiravam seu dedicado trabalho

como organizador de bastidores da campanha, seu espírito enérgico e incansável. Havia uma adoração especial saída das palavras ardentes e do zelo determinado de Fred Shuttlesworth, que tinha provado ao seu povo que não pediria a ninguém para ir onde não estava disposto a liderar. Embora estivesse ocupado com assuntos que impediram minha participação ativa nas manifestações na primeira semana, eu falava nas reuniões de massa sobre a filosofia da não violência e os seus métodos todas as noites. Além desses “regulares”, palestrantes locais apareciam de tempos em tempos para descrever as injustiças e humilhações de serem negros em Birmingham, e visitantes ocasionais de outros lugares do país nos traziam mensagens de apoio bem-vindas.

Uma parte importante das reuniões de massa foram as canções de liberdade. De certo modo, elas são a alma do movimento. São mais do que simples encantamentos de frases inteligentes projetadas para revigorar a campanha: elas eram tão antigas quanto a história do negro na América. São adaptações das canções que os escravos cantavam — canções de tristeza, de gritos de alegria, os hinos de batalha e os hinos do nosso movimento. Eu tinha ouvido as pessoas falarem sobre a batida e o ritmo, mas no movimento somos tão inspirados por suas palavras. “Woke up this morning with my mind stayed on freedom”³⁸ é uma frase que não precisa de música para mostrar seu argumento. Cantamos as canções de liberdade hoje, pela mesma razão que os escravos as cantaram: porque também estamos no cativeiro e as canções adicionam esperança à nossa determinação de que “venceremos, preto e branco unidos, nós venceremos algum dia”.

Estive em uma das reuniões com centenas de jovens e participei enquanto eles cantavam “Ain’t Gonna Let Nobody Turn Me ‘Round”. Não é apenas uma canção, é uma determinação. Poucos minutos depois, vi aqueles mesmo jovens se recusarem a fugir do ataque de um cão policial, recusarem-se a obedecer a um Bull Connor briguento no comando de homens armados com mangueiras potentes. Essas músicas nos unem, nos dão coragem e nos ajudam a marchar juntos.

Perto do fim das reuniões de massa, eu, Abernathy ou Shuttlesworth estenderia um apelo aos voluntários para que servissem em nosso exército não violento, deixando claro que não enviaríamos ninguém

para manifestar que não tivesse convencido a si mesmo e a nós de que poderia aceitar e suportar a violência sem retaliação. Ao mesmo tempo, pedíamos aos voluntários que desistissem de todas as armas possíveis que pudessem ter. Centenas de pessoas responderam a esse apelo. Alguns daqueles que portavam canivetes, facas de escoteiros — todos os tipos de facas —, não as tinham porque queriam usar contra a polícia ou outros agressores, mas porque queriam se defender contra os cachorros do Sr. Connor. Nós provamos a eles que não precisávamos de nenhuma arma — nem mesmo uma escova de dente. Provamos que possuíamos a arma mais formidável de todas: a convicção de que estávamos certos. Tínhamos a proteção de nosso conhecimento de que estávamos mais preocupados em realizar nossos objetivos justos do que salvar nossas vidas.

Os períodos de convocação nas reuniões de massa, quando pedíamos por voluntários, eram muito semelhantes aos períodos de convite que ocorrem todo domingo de manhã nas igrejas dos negros, quando o pastor faz a chamada àqueles presentes para se juntarem à igreja. Nos anos 1920, 1930 e 1940, as pessoas se juntaram ao nosso exército. Não hesitamos em chamar nosso movimento de exército. Porém, era um exército especial, sem suprimentos a não ser a sua sinceridade; sem uniforme, mas com determinação; nenhum arsenal a não ser a sua fé; nenhum poder a não ser sua consciência. Era um exército que se movia, mas não maltratava. Era um exército que iria cantar, mas não massacrar. Era um exército que flanqueava, mas não vacilava. Era um exército para atacar os bastiões do ódio, sitiar as fortalezas da segregação para cercar os símbolos da discriminação. Era um exército cuja fidelidade era a Deus e cuja estratégia e inteligência eram os ditames eloquentemente simples da consciência.

Enquanto as reuniões continuavam e a batalha pela alma de Birmingham acelerava chamando a atenção do mundo, as reuniões ficavam mais lotadas e os voluntários eram mais numerosos. Homens, mulheres e crianças se aproximaram para apertar as mãos, e então dirigiram-se para a parte de trás da igreja, onde o Comitê de Treinamento de Liderança marcou um encontro com eles para irem ao nosso escritório no dia seguinte fazer triagens e um treinamento intensivo.

O foco dessas sessões de treinamento foram as encenações destinadas a preparar os manifestantes para alguns desafios que poderiam esperar enfrentar. A linguagem dura e o abuso físico da polícia e dos guardiões automeados da lei foram francamente apresentados, juntamente com o credo não violento em ação: resistir sem amargura, ser amaldiçoado e não replicar, ser espancado e não bater de volta. Os membros da equipe da SCLC que conduziram essas sessões desempenharam seus papéis com a convicção nascida da experiência. Eles incluíam o reverendo James Lawson,³⁹ expulso da Universidade Vanderbilt há alguns anos por seu trabalho militante pelos direitos civis e um dos principais expoentes do credo não violento do país; o reverendo James Bevel,⁴⁰ que já era um líder experiente em Nashville, Greenwood e outros lugares; sua esposa, Diane Nash Bevel,⁴¹ que, como um estudante em Fisk, havia se tornado um dos principais símbolos do impulso dos jovens negros em direção à liberdade; o reverendo Bernard Lee,⁴² cuja dedicação aos direitos civis datava de sua liderança no movimento estudantil na Faculdade Estadual do Alabama; o reverendo Andy Young,⁴³ nosso diretor de programas competente e dedicado; e Dorothy Cotton, diretora do nosso Programa de Educação para a Cidadania, que também trouxe seu talento rico para a música ao coração do movimento.

Nem todos que se voluntariavam poderiam passar em nossos testes rigorosos para servir nas manifestações. Porém, havia muito a ser feito, muito além do ato dramático de apresentar um corpo nas marchas. Havia tarefas a serem executadas, telefonemas a serem feitos, digitação e tantas outras coisas. Se um voluntário não estava capacitado para marchar, era utilizado em uma das dezenas de outras maneiras para ajudar a causa. Cada voluntário era obrigado a assinar um cartão de compromisso que dizia:

V

Cartas de uma cadeia em Birmingham⁴⁶

16 de abril de 1963

Meus queridos companheiros clérigos,

Enquanto confinado aqui na cadeia da cidade de Birmingham, deparei-me com sua declaração recente chamando minhas atividades presentes de “insensatas e intempestivas”. Raramente pauso para responder críticas ao meu trabalho e às minhas ideias. Se buscasse responder a todas as críticas que passam por minha mesa, minhas secretárias teriam pouco tempo para qualquer coisa ao longo do dia além de tais correspondências, e eu não teria tempo para um trabalho construtivo. Porém, como senti que os senhores são homens de genuína boa vontade e que suas críticas são apresentadas com sinceridade, quero tentar responder à sua declaração no que espero que sejam termos razoáveis e pacientes.

Acredito que devo indicar por que estou aqui em Birmingham desde que os senhores foram influenciados pela visão que argumenta contra os “forasteiros”. Tive a honra de servir como presidente da Conferência da Liderança Cristã do Sul, uma organização operando em cada estado do Sul, com a matriz em Atlanta, na Geórgia. Temos cerca de 85 organizações afiliadas por todo o Sul, e uma delas é o Movimento Cristão pelos

Direitos Humanos no Alabama. Frequentemente compartilhamos membros da equipe e recursos financeiros e educacionais com nossas afiliadas. Alguns meses atrás, a afiliada aqui em Birmingham nos pediu para estarmos de plantão para participar de um programa de ação direta não violenta, se tal ato fosse considerado necessário. Consentimos prontamente, e quando a hora chegou, cumprimos nossa promessa. Então eu, juntamente com vários membros da minha equipe, estou aqui porque fui convidado a estar. Estou aqui porque tenho laços organizacionais aqui.

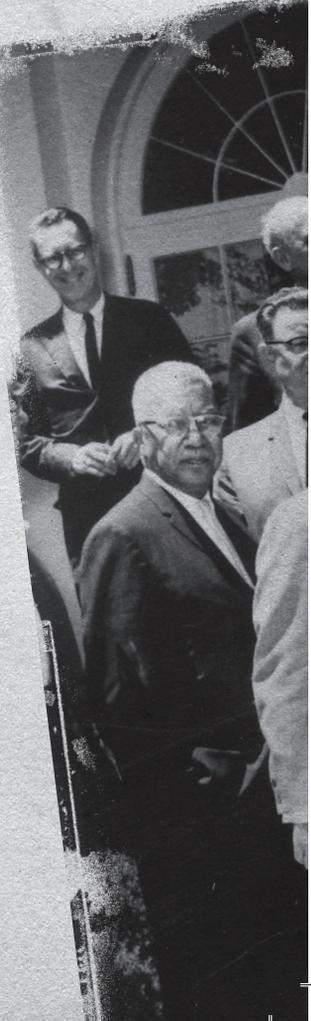
Estou aqui em Birmingham porque a injustiça está aqui. Assim como os profetas do século VIII d.C. deixaram suas vilas e carregaram seu “assim diz o Senhor,” muito além dos limites de suas cidades natais, e assim como o apóstolo Paulo deixou sua vila em Tarso e levou o evangelho de Jesus Cristo até os cantos distantes do mundo greco-romano, também sou compelido a levar o evangelho da liberdade para além da minha própria cidade natal. Como Paulo, devo responder constantemente ao chamado por ajuda aos macedônios.

Além disso, estou ciente da inter-relação de todas as comunidades e estados. Não posso sentar ociosamente em Atlanta e não ficar preocupado com o que acontece em Birmingham. Injustiça em qualquer lugar é uma ameaça à justiça em todos os lugares. Estamos presos em uma rede inescapável de mutualidade, amarrados em uma única vestimenta do destino. Qualquer coisa que afeta um diretamente, afeta a todos indiretamente. Nunca mais podemos permitir viver com a ideia estreita e provincial de “agitador forasteiro”. Qualquer um que vive dentro dos Estados Unidos nunca pode ser considerado um forasteiro em qualquer lugar dentro dos seus limites.

Os senhores deploram as manifestações que ocorrem em Birmingham. Mas a sua declaração, lamento dizer, falha em expressar preocupação semelhante pelas condições que provocaram as manifestações. Tenho certeza de que nenhum dos senhores gostaria de se contentar com o tipo superficial de análise social que lida apenas com os efeitos e não com as causas subjacentes. É lamentável que estejam ocorrendo manifestações em Birmingham, mas é ainda mais lamentável que a estrutura de poder branco da cidade tenha deixado a comunidade negra sem alternativas.



↑ Martin Luther King e sua
esposa Coretta Scott King.



Branco e negro unidos

Após oito dias de encarceramento, Ralph Abernathy e eu aceitamos a fiança para sairmos da cadeia por dois propósitos. Era necessário que eu recuperasse a comunicação com os oficiais do SCLC e com os nossos advogados a fim de mapear a estratégia para os casos de desacato que viriam em breve nos tribunais do distrito. Além disso, decidi colocar em operação uma nova fase da nossa campanha, na qual acreditava que aceleraria nossa vitória.

Liguei para minha equipe e repeti a convicção que vinha expressando desde o início da campanha. Se desejávamos ter sucesso, deveríamos envolver os estudantes da comunidade. Nas cruzadas de ação direta recentes, são os jovens quem têm eletrizado o movimento. Contudo, em Birmingham, das quatrocentas ou quinhentas pessoas que se submeteram à prisão, dois terços eram adultos. Na época, consideramos isso uma coisa boa, pois uma campanha realmente eficaz incorpora uma seção transversal da comunidade. Mas agora era a hora de recrutar os jovens em maior número. Mesmo percebendo que envolver adolescentes e estudantes do ensino médio nos traria uma grande quantidade de críticas pesadas, achamos que precisávamos dessa nova dimensão dramática. Nosso povo estava se manifestando diariamente e indo para a cadeia em grande quantidade, mas ainda estávamos batendo a cabeça contra a parede de tijolos da determinação teimosa das autoridades da

cidade de manter o *status quo*. Nossa luta, se vencida, beneficiaria pessoas de todas as idades. Mas, acima de tudo, fomos inspirados com o desejo de dar aos nossos jovens um verdadeiro senso de sua própria participação na liberdade e na justiça. Nós acreditamos que eles teriam a coragem de responder ao nosso chamado.

James Bevel, Andy Young, Bernard Lee e Dorothy Cotton começaram visitando as faculdades e escolas de ensino médio da cidade. Eles convidaram os estudantes a comparecerem, depois das aulas, a reuniões nas igrejas. A novidade se espalhou rapidamente e a resposta dos jovens de Birmingham excedeu nossos sonhos mais apaixonados. Esses jovens participaram de reuniões de massa e sessões de treinamento em grupos de cinquenta e de cem. Ouviram com avidez quando conversamos sobre trazer liberdade para Birmingham, não em algum tempo distante, mas naquele momento. Nós lhes ensinamos sobre a filosofia da não violência. Nós os desafiamos a trazer sua exuberância e sua criatividade juvenil para a dedicação disciplinada ao movimento. Nós os encontramos ansiosos para pertencer e famintos por participar de um esforço social significativo. Olhando para trás, é claro que a introdução das crianças de Birmingham na campanha foi um dos movimentos mais sábios que fizemos. Isso trouxe um novo impacto à cruzada e o ímpeto que precisávamos para vencer a luta.

Imediatamente, é claro, ergueu-se um grito de protesto. Embora a atitude da imprensa nacional tenha mudado consideravelmente até o final de abril, de modo que os principais meios de comunicação estavam nos apoiando de maneira simpática, ainda assim muitos lamentavam o fato de “usarmos” nossos filhos dessa maneira. Onde esses escritores estiveram, nos perguntamos, durante os séculos em que nosso sistema social segregado estava fazendo mal uso e abusando de crianças negras? Onde eles tinham estado com suas palavras protetoras quando, ao longo dos anos, crianças negras nasceram em guetos, dando seu primeiro fôlego de vida em uma atmosfera social em que o ar fresco da liberdade era empurrado para fora pelo fedor da discriminação?

As próprias crianças tinham a resposta para as simpatias equivocadas da imprensa. Uma das respostas mais emocionantes veio de uma criança que não devia ter mais de oito anos e que caminhava com a mãe

em um dia de manifestação. Um policial zombeteiro inclinou-se para ela e disse com impaciência:

— O que você quer?

A criança olhou sem medo em seus olhos e lhe deu a resposta:

— Liberdade.

Ela não poderia nem pronunciar a palavra direito, mas nenhuma trombeta de Gabriel poderia ter soado uma nota mais verdadeira.

Até mesmo as crianças jovens demais para marchar pediram e ganharam um lugar em nossas fileiras. Uma vez, quando enviamos uma chamada por voluntários, seis pequenos jovens responderam. Andy Young lhes disse que não tinham idade para ir para a cadeia, mas que poderiam ir para a biblioteca. “Vocês não serão presos lá, mas poderão aprender alguma coisa”, ele disse. Então, essas seis crianças pequenas marcharam para o prédio do distrito branco onde, até duas semanas antes, eles teriam sido expulsos na entrada. Tímidos, mas obstinados, foram até o cômodo das crianças, se sentaram, e logo se perderam em seus livros. À sua maneira, eles deram um golpe pela liberdade.

As crianças entenderam os riscos pelos quais estavam lutando. Penso em um adolescente, cuja devoção do pai ao movimento azedou quando soube que o filho se comprometera a se tornar um manifestante. O pai proibiu o filho de participar.

— Papai — o menino disse —, não quero desobedecer ao senhor, mas fiz o meu juramento. Se tentar me manter em casa, vou fugir. Se o senhor pensa que mereço ser castigado por isso, simplesmente terei que aceitar. Pois, veja bem, não estou fazendo isso só porque quero ser livre. Também estou fazendo isso porque quero liberdade para o senhor e para a mamãe, e quero que isso aconteça antes que vocês morram.

Aquele pai pensou novamente e deu a benção ao filho.

O movimento foi abençoado pelo fogo e empolgação trazidos por jovens como esses. E quando os jovens de Birmingham se juntaram à marcha em números, aconteceu uma coisa histórica. Pela primeira vez no movimento pelos direitos civis, conseguimos pôr em prática o princípio de Gandhi: “Encham as cadeias”.

Jim Bevel teve a inspiração de marcar um dia “D”, quando os estudantes iriam para a cadeia em números históricos. Quando esse dia

chegou, jovens convergiram em ondas para a Igreja Batista da Rua 16a. Ao todo, no dia 2 de maio, o dia “D”, mais de mil jovens fizeram a manifestação e foram para a cadeia. Em uma escola, o diretor deu ordens para trancar os portões a fim de impedir a saída dos alunos. Os jovens subiram pelos portões e correram em direção à liberdade. O superintendente adjunto das escolas os havia ameaçado com expulsão e ainda assim eles vieram, dia após dia. No auge da campanha, segundo estimativas conservadoras, havia 2.500 manifestantes presos de uma só vez, e uma grande proporção deles eram jovens.

Por mais que esses adolescentes estivessem sérios no que estavam fazendo, eles tinham aquele humor maravilhoso que arma os desarmados diante do perigo. Sob seus líderes, eles se deliciaram em confundir a polícia. Um pequeno grupo que servia como isca se reunia em uma saída da igreja, atraindo os policiais em carros e motos. Antes que os policiais soubessem o que estava acontecendo, outros grupos apareciam de outras saídas e se moviam, de dois em dois, em direção ao nosso objetivo na seção central.

Muitos chegavam aos seus destinos antes que a polícia pudesse confrontá-los e prendê-los. Eles cantavam enquanto marchavam e enquanto eram empurrados para as vans policiais. A polícia ficou sem vans e teve que nos espremer em carros do xerife e em ônibus escolares que se tornaram de serviço.

Observando aqueles jovens em Birmingham, não pude deixar de lembrar um episódio em Montgomery durante o boicote dos ônibus. Alguém perguntou a uma senhora idosa por que ela estava envolvida em nossa luta. Ela respondeu: “Estou fazendo isso por meus filhos e por meus netos”. Sete anos depois, os filhos e os netos estavam fazendo isso por si mesmos.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA



Há um grande número de portadores do vírus
HIV e de hepatite que não se trata.
Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite
é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM JULHO DE 2020